



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 05/01 – 09/01



Macroeconomia

Na primeira semana completa do ano, o cenário macroeconômico iniciar turbulentado e agitado. No cenário externo, a semana foi dominada pelo choque geopolítico provocado pela prisão de Nicolás Maduro pelos Estados Unidos e pela decisão de Washington de assumir o controle operacional das exportações de petróleo da Venezuela. A sinalização de que de 30 a 50 milhões de barris seriam direcionados ao mercado americano, com receitas sob gestão dos EUA, trouxe grande volatilidade aos ativos, alimentando expectativas de aumento de oferta global de petróleo no médio prazo, ainda que o impacto imediato sobre os preços tenha sido limitado pela incerteza política, jurídica e logística em torno da operação.

Esse ambiente de risco impulsionou metais preciosos como ouro e prata, refletindo busca por proteção, enquanto os mercados acionários globais alternaram entre alívio e cautela: nos EUA, o foco migrou rapidamente para ações de tecnologia e inteligência artificial, enquanto na Europa o setor de defesa seguiu sustentando altas.

Na Ásia, a melhora dos indicadores de preços ao consumidor na China reduziu temores de deflação e reforçou o apetite por risco, levando as bolsas chinesas aos maiores níveis em mais de uma década. Do lado dos dados, o payroll fraco nos EUA, com criação de vagas bem abaixo do esperado, combinado à queda da taxa de desemprego, reforçou a leitura de uma economia que desacelera sem colapsar, sustentando a expectativa de juros estáveis pelo Fed, enquanto a inflação

mais comportada na Europa consolidou o BCE próximo de sua meta, dando suporte ao euro e aos ativos da região.

No Brasil, o pano de fundo macroeconômico foi marcado por sinais de desaceleração da atividade e inflação sob controle. A produção industrial ficou praticamente estagnada em novembro e caiu em relação ao ano anterior, refletindo o impacto de juros elevados e de um ambiente externo mais desafiador, especialmente para setores ligados a commodities e exportações. Ainda assim, o IPCA de dezembro confirmou inflação de 4,26% em 2025, dentro do teto da meta, o que reforça a leitura de que o ciclo monetário restritivo começa a produzir efeitos, mesmo sem espaço imediato para cortes agressivos de juros.

No câmbio, as projeções do Boletim Focus apontam para um dólar relativamente estável em 2026, próximo de R\$ 5,50, depois de forte valorização do real em 2025, sustentada justamente pelo diferencial de juros. Já no campo estrutural, o avanço do acordo União Europeia–Mercosul adicionou um vetor positivo de médio prazo para o Brasil, ao ampliar o acesso a um mercado de 450 milhões de consumidores, especialmente para o agronegócio e a indústria, ainda que enfrente resistências políticas dentro do bloco europeu. O resultado da semana foi um ambiente doméstico de maior previsibilidade inflacionária, porém com atividade enfraquecida, em contraste com um exterior mais volátil, onde geopolítica, energia e tecnologia seguem ditando o humor dos mercados globais.

Mercado Sucroenergético

A primeira semana cheia de 2026 confirmou que o mercado de açúcar segue preso a um viés defensivo, apesar de algumas tentativas pontuais de recuperação ao longo das sessões. Depois da forte queda do dia 2, quando NY rompeu médias técnicas importantes e o câmbio recuou, devolvendo toda a valorização em reais do fim de 2025, os preços entraram em um movimento de acomodação, com repiques limitados e rápida perda de fôlego sempre que o mercado se aproximava da região de 15 c/lb. Esse comportamento refletiu, sobretudo, a combinação de um posicionamento ainda pesado dos fundos do lado vendido, um ambiente global de oferta confortável e a ausência de notícias capazes de alterar o balanço estrutural do mercado no curto prazo.

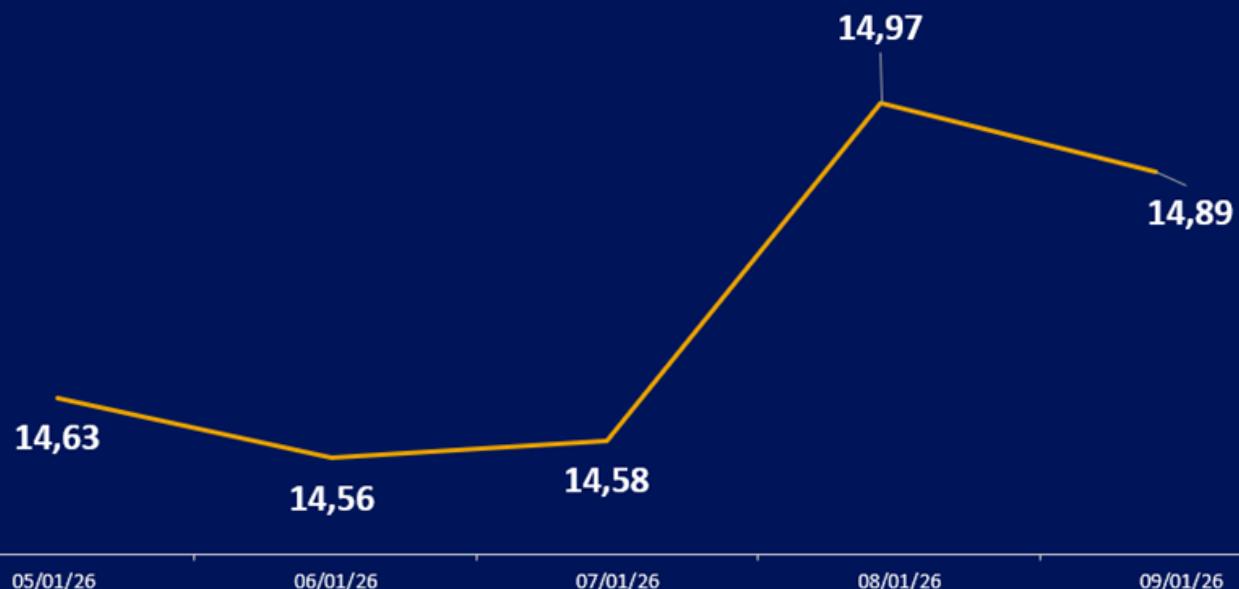
No campo dos fundamentos, a principal âncora baixista continuou vindo da Ásia. A Índia segue produzindo muito acima do ano passado, com Maharashtra mostrando avanço expressivo da moagem e da produção, e o governo deixou claro que pretende garantir que a cota de exportação de 1,5 milhão de toneladas seja efetivamente embarcada, inclusive redistribuindo volumes entre usinas após março. Isso reforça a percepção de que açúcar indiano deve, sim, chegar ao mercado internacional ao longo de 2025/26, em um contexto já superavitário. A Tailândia, apesar de um início de safra mais lento por questões climáticas e operacionais, mantém perspectiva de recuperação ao longo do ciclo, com aumento de área plantada e boa qualidade de cana fora das regiões afetadas, o que também sustenta a leitura de maior disponibilidade asiática mais à frente.

Do lado da demanda, a China trouxe sinais mistos, mas longe de um quadro apertado. As importações do início da safra superam ligeiramente as do ano anterior, porém permanecem abaixo da média histórica de cinco anos, mesmo com a arbitragem extremamente aberta e preços internacionais nos menores níveis desde a pandemia.

Em outras palavras, os chineses seguem comprando, mas sem urgência, confortáveis com a perspectiva de abundância global. Esse comportamento ajuda a explicar por que o mercado não consegue sustentar movimentos de alta, mesmo quando surgem estímulos técnicos.

No Brasil, o câmbio e o etanol foram os principais vetores de curto prazo. A queda do dólar para a faixa de R\$ 5,37–5,40 reduziu o incentivo imediato de fixação para as usinas e trouxe os preços em reais de volta para níveis ao redor de R\$ 1.850/t, que não empolgam o produtor, mas também não representam o piso recente. Ao mesmo tempo, o etanol segue firme e renovando máximas históricas no mercado spot, o que mantém o discurso de um início de safra mais etanoleiro e limita a disposição de venda de açúcar a preços deprimidos. Como contraponto, o clima do Centro-Sul segue sendo monitorado com atenção: apesar de chuvas melhores em dezembro, o trimestre da entressafra ainda ficou abaixo da média, marcando o terceiro ano seguido de déficit hídrico em algumas regiões, o que pode gerar risco para a produtividade mais adiante, ainda que esse fator, por ora, apenas limite quedas mais profundas, sem criar um gatilho claro de alta.

Por fim, o posicionamento dos fundos continua sendo um elemento-chave na dinâmica semanal. Os especuladores seguem com uma posição líquida vendida historicamente elevada, ainda que já tenham reduzido parte do extremo observado no fim de 2025, enquanto os comerciais voltaram a vender de forma tímida quando os preços em reais se aproximaram de R\$ 1.950/t. Isso ajuda a explicar por que os repiques foram rapidamente vendidos e por que o mercado permanece em modo de espera. Assim, a semana termina com o açúcar oscilando em um canal estreito, tecnicamente estabilizado após a queda inicial, mas ainda firmemente ancorado por um balanço global confortável, exportações potenciais da Índia no horizonte, boa oferta brasileira e uma demanda internacional seletiva, que prefere aguardar por níveis ainda mais atrativos em um mercado que, estruturalmente, continua abundante.



Clima & Tempo

Durante a última semana, as chuvas já elevaram a umidade do solo em parte do Centro-Sul, melhorando a disponibilidade hídrica no estado de São Paulo após os recentes períodos de calor. A Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), um corredor de umidade intenso e persistente, está ativa sobre o Centro-Sul, organizando chuvas fortes e prolongadas acima da média em importantes áreas produtoras de cana em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Enquanto isso, em São Paulo e Mato Grosso do Sul as chuvas seguem mais isoladas, antes de a umidade avançar para o sul, favorecendo novas instabilidades que podem trazer precipitações mais intensas de sexta-feira até o fim de semana, especialmente no sul de Mato Grosso do Sul e no sul e oeste de São Paulo. Ribeirão Preto, Araçatuba e São José do Rio Preto devem registrar chuvas mais isoladas e limitadas, enquanto São Carlos, Piracicaba e Assis têm maior probabilidade de chuva no fim de semana. A entressafra atual está consideravelmente mais seca do que a anterior, apresentando um déficit severo de precipitação que a aproxima mais do padrão observado em 2023–2024 do que do desempenho registrado em 2024–2025.

O balanço hídrico deve melhorar pontualmente nos próximos dias com o retorno das chuvas, especialmente na segunda metade da semana, mas tende a permanecer irregular, com déficits persistindo em algumas áreas como MS, PR e partes de SP (Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Araçatuba). Os dois principais modelos divergem de forma significativa: o GFS (americano) projeta um cenário mais seco, com grandes áreas do Centro-Sul recebendo chuvas abaixo da média, enquanto o ECMWF (europeu) é mais favorável, indicando um corredor de precipitações acima da média em estados como São Paulo e Mato Grosso do Sul. O mapa de NDVI indica bom vigor vegetativo no Centro-Sul, especialmente em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.